



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

**CULTURA SURDA:**  
construção, manifestação e utilização pela comunidade surda de Brasília

Carlos Antonio Ferreira do Nascimento

Orientador: LUIS CAYON

Brasília, 2º/2015



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

**CULTURA SURDA:**  
construção, manifestação e utilização pela comunidade surda de Brasília

Carlos Antonio Ferreira do Nascimento

Orientador: LUIS CAYON

Monografia apresentada ao  
Departamento de Antropologia da  
Universidade de Brasília – UnB, como  
requisito à obtenção do grau de  
Bacharelado em Antropologia

Brasília, 2º/2015



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília  
– UnB, como requisito à obtenção do grau de Bacharelado em Antropologia

**CULTURA SURDA:**  
construção, manifestação e utilização pela comunidade surda de Brasília

Carlos Antonio Ferreira do Nascimento  
Matrícula: 10/0095992

Aprovado por:

---

---

---

Brasília, 2º/2015

Meus sinceros agradecimentos à Comunidade Surda de Brasília, sempre dispostos a ajudarem, e à minha esposa pelo apoio em todas as minhas lutas.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	8
1. Cultura Surda.....	8
CAPÍTULO II.....	26
2. Os saberes surdos .....	26
2.1. Língua.....	26
2.2. Performance visual .....	33
2.3. Percepção do tempo.....	43
CONCLUSÃO.....	48
BIBLIOGRAFIA .....	52

## INTRODUÇÃO

Nossa casa sempre foi frequentada pelos surdos, dado que minha esposa<sup>1</sup> é professora de surdos há mais de 25 anos. Esse contato com a comunidade surda<sup>2</sup> de Brasília permitiu-nos conhecer muito da vida dos surdos, seus problemas familiares e sociais, seus anseios, desejos e dificuldades, principalmente no que diz respeito à educação e à profissionalização.

Podemos pensar, a princípio, que os surdos são diferentes dos ouvintes devido à questão da surdez. Assim é que, para alguns intelectuais vinculados ao saber médico a surdez ou deficiência auditiva é uma doença e o surdo é aquele que não ouve e precisa ascender à condição de igualdade do ouvinte, por meio de formas da reabilitação e normalização. Entretanto, muitas vezes, em conversa com os surdos, entendemos que eles se aceitam como são e querem ser diferentes dos ouvintes, não porque simplesmente têm um problema fisiológico, mas porque, sendo surdos, têm características diferenciadas dos ouvintes, além da surdez propriamente dita. Foi devido a esse suposto conjunto de características especiais e exclusivas dos surdos, de pensar, ser e agir, que muitas vezes ouvimos na nossa casa a palavra “Cultura Surda”.

Ao ouvirmos esse termo pela primeira vez a questão inicial que nos veio à mente foi: Por que uma cultura particular se os surdos estão inseridos dentro de uma cultura nacional? Afinal, os surdos são brasileiros<sup>3</sup> e não estrangeiros e, realmente, para Wilcox (2005), apesar de os surdos compartilharem valores, crenças, comportamentos e, o mais importante, uma língua diferente da utilizada pelo restante da sociedade, eles não se consideram estrangeiros. Sendo brasileiros, de acordo com Cavalheiro (2014), os surdos são também detentores da cultura brasileira e da história do povo brasileiro. E realmente, os surdos são e se sentem brasileiros. Podemos constatar isso, logo de imediato, nos eventos realizados pelos mesmos, a exemplo de um dos eventos etnografados neste trabalho, que foi a comemoração dos “13 anos da Lei de Libras<sup>4</sup>”, comemorado em 22 de abril de 2015, na Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga. Esse evento teve início com o Hino Nacional Brasileiro. Durante sua

---

<sup>1</sup> Professora Doutora Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (doutora em linguística e especialista em Educação de Surdos).

<sup>2</sup> Entendemos por “comunidade surda” a união de surdos e ouvintes em uma comunidade voltada para os interesses e necessidades do povo surdo, e entendemos “povo surdo” os surdos propriamente dito.

<sup>3</sup> Há surdos no mundo todo, é óbvio, todavia, o trabalho em questão analisa apenas os surdos brasileiros e, exclusivamente aqueles pertencentes à comunidade surda de Brasília. Naturalmente, o sentimento de nacionalidade aqui descrito pode ser extrapolado ao sentimento dos surdos em relação aos seus países de origem.

<sup>4</sup> Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispôs sobre a Língua de Sinais Brasileira – Libras.

execução, enquanto duas crianças surdas seguravam a bandeira nacional, uma professora surda sinalizava a sua letra e as demais crianças surdas repetiam animadamente, e com bastante familiaridade, aqueles sinais. É certo que a maioria das crianças ali presentes não ouvia, de forma alguma, a melodia que estava tocando, mas isso não os impedia de sentir a forte vibração e energia do hino agitando os seus corpos (Figura 1).



Figura 1

Assim, é possível admitirmos que os surdos vivam, sem problema algum, imersos em duas culturas distintas: a Cultura Nacional e a Cultura Surda. Essa distinção traz relevância ao trabalho antropológico, dadas as possibilidades, no entender de Velho (2008), de se localizar experiências suficientemente significativas para se criar fronteiras simbólicas que possam caracterizar diferenças entre grupos que compartilham identidades. Afinal, nenhum grupo no interior de uma sociedade tem uma cultura autônoma ou isolada. É sempre necessário, de acordo com Santos (2012), fazermos referência aos processos sociais mais amplos ao discutirmos questões culturais. É admissível, dessa forma, que além da Cultura Nacional, os surdos estejam inseridos em uma cultura específica, dado que pertencer a uma cultura, em sua concepção mais contemporânea, nunca é simplesmente uma questão de nascer brasileiro ou japonês, mas devido à ideia de que, segundo Wilcox (2005), os valores culturais são algo compartilhado e os seus membros precisam aceitar e compartilhar os valores do grupo antes que eles possam ser considerados como parte dessa cultura.

Ora, o compartilhamento de informações entre pessoas se dá em um espaço comum (comunitário). Assim como a Cultura Brasileira - com toda sua diversidade - se

processa no território nacional, ou em qualquer outro lugar onde brasileiros possam dividir um espaço comum. Com os surdos é um pouco diferente: eles sempre viveram dispersos entre ouvintes. Essa dispersão contribuiu para que, durante muito tempo, os surdos, separados uns dos outros, acreditassem que a surdez fosse uma doença e que não houvesse nada mais em comum entre um surdo e outro, que a própria surdez. Essa visão foi sendo modificada aos poucos, à medida que eles foram se organizando como um grupo com características e necessidades diferenciadas dos ouvintes. Vencer esse isolamento natural, criando ou induzindo a criação de territórios vinculados à surdez, tais como: escolas bilíngues, federações, associações, eventos, cursos etc, foi a primeira grande luta dos surdos. Nesse sentido a globalização e o avanço tecnológico contribuíram fortemente para a integração dos surdos. A tecnologia ofereceu a eles um espaço virtual que veio minimizar, em muito, as dificuldades encontradas na conquista de espaços físicos.

Mas o conhecimento dessa realidade nos leva a alguns questionamentos: O que os surdos e os pesquisadores sobre o tema entendem por Cultura Surda? Qual o processo de construção e manifestação da Cultura Surda? Qual a importância da Cultura Surda para os surdos? Na tentativa de respondermos a essas perguntas resolvemos questionar diretamente os surdos; realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto e etnografar alguns dos seus eventos culturais mais expressivos, com a finalidade de entender essas questões.

Restringimos o nosso campo de pesquisa à comunidade surda de Brasília, por razões pragmáticas, a exemplo de disponibilidade para viagens, recursos financeiros e acesso às comunidades de outros estados. Pedimos a várias pessoas ligadas à comunidade surda de Brasília que nos avisassem com antecedência dos eventos surdos que iriam acontecer em Brasília. Muito gentis, essas pessoas não só nos informaram de todos os eventos que ocorreram na capital do Brasil, mas também em todo o território brasileiro. Infelizmente, não conseguimos ir aos eventos fora da capital. Sabemos que isso enriqueceria as etnografias, todavia, prevendo inúmeras dificuldades em fazer um trabalho a nível nacional, cercamos os objetivos deste trabalho tão somente às análises efetuadas junto à comunidade surda de Brasília. Entretanto, é certo que alguns dos dados aqui discutidos podem ser extrapolados aos demais surdos de outros estados e até mesmo de outros países, dada a pouca, ou nenhuma, influência de regionalismos nos dados levantados.



O nosso primeiro passo foi pesquisar o que os surdos entendem por Cultura Surda. Para tanto, elaboramos um questionário contendo apenas a identificação do entrevistado, sua escolaridade e uma pergunta: O que você entende por Cultura Surda? Aplicamos esse questionário na Escola Bilíngue de Taguatinga-DF, para alunos surdos alfabetizados na língua portuguesa escrita e a seus professores. A adoção desse questionário foi para facilitar o acesso a um maior número de surdos ao mesmo tempo e auxiliar na nossa comunicação com os alunos surdos, dado que sou um principiante no estudo da língua de sinais - Libras e poderíamos interpretar algum sinal de forma indevida.

Quanto à bibliografia sobre o tema, não encontramos dificuldades: há bons livros publicados sobre o assunto. As etnografias foram um pouco mais difíceis de realizar. Cada surdo tem sua própria família que, na maioria das vezes, é constituída por ouvintes. Levantar dados sobre Cultura Surda pesquisando os surdos isoladamente não é recomendável, dado que cultura é uma manifestação social. Um surdo pode, por exemplo, manifestar todas as características específicas do povo surdo, como o uso da língua de sinais, mas só perceberemos que isso é uma característica surda se conhecermos um grupo razoável de surdos que se manifestem da mesma forma. É melhor, portanto, para não correr o risco de citar algo particular e não comum a todos, que as análises sejam feitas quando os surdos estão atuando coletivamente. Poderíamos também optar por etnografar eventos rotineiros dos surdos, como encontros entre amigos surdos, salas de aula, festas particulares. Todavia, logo notamos que muitos desses encontros tinham focos específicos ou assuntos e objetivos particulares e pouca coisa do coletivo surdo. Acabamos, portanto, direcionando nossas etnografias para os grandes eventos exclusivamente surdos, onde um maior número de surdos se reúne, não para tratar de assuntos particulares, mas para a manifestação dos “saberes surdos”, entendidos aqui como aqueles “*saberes nativo, sem tutela, os saberes locais, singulares advindos e produzidos pelos surdos que vão constituindo uma gama de significados sobre Cultura Surda*” (GOMES, 2011, p.123-124).

Todavia, levando-se em conta a grandiosidade desses eventos e, portanto, a dificuldade para a realização dos mesmos, tivemos de esperar pacientemente que os mesmos acontecessem ao longo do tempo e torcer para que fossem grandes e ricos em detalhes culturais para que nossas etnografias ficassem razoáveis. Foi assim que, no período de quase um ano, conseguimos realizar apenas quatro etnografias de eventos surdos dignos de nota, mas que não nos decepcionaram. Entre outubro de 2014 e julho

de 2015 etnografamos um concurso de beleza (Concurso *Miss and Mister Surdo*); uma peça de teatro (*As mãos que rompem o silêncio*); uma encenação religiosa (*Via Sacra dos Surdos*) e uma comemoração/manifestação estudantil (Comemoração dos 13 anos de Libras).

Não foi difícil participarmos dos eventos surdos transcritos neste trabalho. Todos eles ofereceram acessibilidade, tanto para os surdos quanto para os ouvintes. Inclusive em todos eles ocorreram tradução simultânea da Libras para o português falado. Isso ajudou muito o entendimento dos mesmos, dado que não houve perda de informação do que estava sendo sinalizados pelos surdos. Aliás, no contato com os surdos contribui muito o sentimento deles quanto ao seu pertencimento a duas culturas diferentes (a Cultura Nacional e a Cultura Surda), daí as suas preocupações em sempre tornar acessível ao ouvinte, nesses tipos de eventos, a tradução da Libras para o português falado.

Fotografamos todos os eventos na sequência de sua ocorrência, comparando o que havíamos percebido em cada momento com impressões dos surdos e a bibliografia sobre o tema. Alguns saberes surdos saltaram aos olhos, logo no primeiro momento, a exemplo do uso preponderante da língua de sinais – Libras, como forma de comunicação e expressão em todas as dimensões da vivência comunicativa dos surdos. Outros saberes, por sua dupla origem e utilização (tanto na Cultura Surda quanto na nacional), a exemplo da “acentuada visualidade”, são mais difíceis de serem percebidos como exclusividade surda, o que não significa que não é.

Todos os eventos etnografados neste trabalho foram relevantes para demonstrar o esforço que os surdos fazem para construir uma identidade que lhes será extremamente útil como ferramenta político-social. É claro que nem sempre a produção de valores culturais, da forma como é feita, é percebida claramente pelos surdos, mas, se questionados sobre o assunto, eles respondem imediatamente que estão fazendo “Cultura Surda”, apesar de muitos deles, talvez a maioria, não saberem conceituar o que é isso. Todavia, conceitos de cultura são complexos e discutíveis até mesmo entre os acadêmicos.

Em nenhum momento os surdos se incomodaram com minha presença fotografando-os ou questionando suas motivações. Aliás, a facilidade deste trabalho se deve ao empenho particular que cada surdo devota ao interesse do povo surdo.

Minha experiência pessoal fazendo etnografias foi gratificante. Eu me senti um “verdadeiro antropólogo”, e consegui, pelo menos, perceber o quanto o olhar de um

antropólogo em campo é diferenciado dos outros olhares. Enquanto os expectadores, por exemplo, apenas assistem ao desenrolar das cenas nos eventos apresentados, gostando ou não do que presenciam; o antropólogo procurar relacionar essas cenas umas com as outras e aos seres que as encenam, procurando desvendar o porquê daquilo está ocorrendo de um jeito e não de outros tantos possíveis modos de ocorrer.

Não é nosso objetivo fazer uma análise histórica do conceito de cultura em Antropologia, nem estudar as suas diversas interpretações e derivações, mas tão somente analisar o uso do termo Cultura Surda como categoria mobilizadora de uma identidade surda em construção, cujos alguns valores são até mesmo desconhecidos pela maioria. Portanto, a análise do que é Cultura Surda neste trabalho é pragmática, levando-se em consideração o que os surdos fazem e quais as suas intenções. Esse uso pragmático da categoria cultura não é uma novidade, vários grupos (ou povos) celebraram sua “cultura”, com sucesso, demonstrando performativamente a sua identidade, visando ganhos sociais e políticos (CUNHA, 2009).

De acordo com a visão pragmática de cultura explicada acima, o objetivo central deste trabalho é construir a idéia de Cultura Surda relacionada aos saberes surdos. Assim, as respostas às indagações relacionadas ao entendimento, construção, manifestação e utilização da Cultura Surda, constantes no corpo e nas considerações finais deste trabalho, derivam das reflexões resultantes do confronto entre o levantamento teórico efetuado no capítulo um, que trata da idéia de Cultura Surda e o capítulo dois, que trata dos saberes surdos levantados nas etnografias.

Reconhecemos que os quatro eventos etnografados não esgotam toda a abrangência da Cultura Surda e suas diversas implicações políticas e sociais, e o número de surdos envolvidos na pesquisa é baixo se comparado ao censo demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, que revelou que apenas no Distrito Federal vivem 5.658 pessoas que não conseguem ouvir de modo algum<sup>5</sup>, mas, pelos dados levantados e conclusões derivadas, creio que foi o suficiente para que o mesmo tenha pelo menos o crédito outorgado à boa intenção.

Conforme mencionado antes, os surdos etnografados neste trabalho são surdos brasileiros, pertencentes a algumas comunidades surdas de Brasília, a exemplo da Escola Bilíngue de Taguatinga e a Federação Nacional dos Surdos – FENEIS. Pesquisador e pesquisados participam de uma cultura maior que é a “cultura brasileira”;

---

<sup>5</sup> O estudo aponta ainda para 16.698 pessoas que tem grande dificuldade para escutar e para outros 82.460 com alguma dificuldade para ouvir.

ou seja, são capazes de discutir experiências comuns, partilháveis, que permitem um nível de interação específico (VELHO, 2008).

Todavia, dado que o público pesquisado – a comunidade surda de Brasília – é pertencente a um grupo com características especiais, alguns cuidados foram necessários, a exemplo de saber posicionar-se e ter sensibilidade para entender os surdos, suas expectativas e o que eles pensam (BONETTI, 2006); bem como estabelecer um diálogo o menos desigual possível (OLIVEIRA, 1998).

Como em qualquer trabalho antropológico sério, foram levadas em considerações as dimensões éticas de sua formulação, principalmente no tocante àquela ética situacional e particular em que residem os pesquisados, a partir da compreensão de que a ética é diferencialmente produzida em múltiplos domínios (SARTI, 2013).

As pesquisas de campo deste trabalho foram realizadas nos territórios que compõem os circuitos de sociabilidade vinculados à surdez, tais como: escolas bilíngues, associações, federações, eventos culturais dos surdos etc.

O trabalho em questão tem a seguinte estrutura:

- Introdução, que trata dos objetivos do trabalho em questão;
- Capítulo 01, que trata do entendimento do conceito de Cultura Surda, tanto pelos surdos pesquisados quanto pelos autores levantados;
- Capítulo 02, que trata dos saberes surdos observados nas quatro etnografias realizadas para esse fim.
- Conclusão, que procura responder às perguntas levantadas na introdução a partir das análises dos capítulos um e dois.

## **CAPÍTULO I**

### **1. Cultura Surda**

No período de 15 de maio a 03 de junho de 2014, fizemos um levantamento junto a alunos surdos da Escola Bilíngue de Taguatinga/DF, bem como aos seus respectivos professores sobre o que eles entendiam por Cultura Surda. O primeiro instrumento escolhido para a pesquisa de campo foi o questionário, seguindo os conselhos de Goldenberg (2004) quanto às vantagens de aplicação de um questionário para muitas pessoas ao mesmo tempo. Também não sou fluente em Libras e, para não correr o risco de interpretar algum sinal de forma indevida, consideramos que o melhor seria pedir que os surdos, alfabetizados no português escrito, escrevessem suas respostas.

O questionário era simples e requeria apenas a identificação dos entrevistados e se questionava o que eles entendiam por Cultura Surda<sup>6</sup>. Foram distribuídos 50 questionários ao todo. Dividimos os grupos de surdos pesquisados por grau de instrução, sendo 25 questionários para os alunos do Ensino Fundamental, 25 para os alunos do Ensino Médio e 10 para os professores, muitos deles surdos, todos com graduação a nível superior.

O grupo formado por surdos com nível de escolaridade até o nono ano do Ensino Fundamental não tinha idéia nenhuma do que é Cultura Surda e, durante o preenchimento do questionário não responderam nada ou escreveram coisas desconexas, nem mesmo demonstraram alguma curiosidade em sabê-lo; o grupo de surdos do Ensino Médio também não tinha idéia do que é Cultura Surda, mas, durante o preenchimento do questionário tentaram responder alguma coisa ligada à arte em geral envolvendo os surdos, esses demonstraram curiosidade em saber a resposta certa, fazendo-nos questionamentos sobre o assunto; apenas no nível de graduação, ou seja, entre os professores questionados, foi possível coletarmos conceitos sobre o que seria Cultura Surda. Eis algumas respostas desse último grupo: um tipo de interação, uma forma de expressão proporcionada pela língua de sinais, maneira de viver, forma de inserção, identidade, hábitos, atitudes, modo de agir, o modo como eles se vêem dentro

---

<sup>6</sup> Não anexe, neste trabalho, o modelo do formulário aqui mencionado, dado que o mesmo solicita apenas o nome da pessoa, sua escolaridade e a resposta à pergunta “o que você entende por cultura surda”.

da sociedade, experiência, anseios, ideologia, recursos especiais à disposição dos surdos e forma de expressão.

Portanto, a aplicação do referido questionário demonstrou que o conceito de Cultura Surda é inexistente para os alunos surdos do Ensino Fundamental e médio, mas conhecido pelo grupo de professores surdos e ouvintes, em termos de conceitos genéricos, a exemplo de identidade, hábitos, atitudes, modos de agir...

Na realidade, o conceito de cultura em Antropologia, para alguns autores, sempre foi amplo demais e muito genérico, a exemplo da obra de Clyde Kluckhohn que, segundo Geertz (2013), em cerca de vinte páginas, definiu a cultura como: “O modo de vida global de um povo”; “O legado social que o indivíduo adquire do seu grupo”; “Uma forma de pensar, sentir e acreditar”; “Uma abstração do comportamento”; “Um precipitado da história”... Geertz criticava essa visão muito genérica de cultura, formulada por seus antecessores, fugindo de uma simples enumeração de modos de ser e agir e procurava entender a cultura não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significado.

É tentador sair enumerando as fronteiras simbólicas que separam o surdo do ouvinte, descrevendo tudo aquilo que julgamos ser um traço específico do surdo; ou seja, citando tudo aquilo que, de alguma forma, se destaca no modo de ser e agir do surdo, como um traço cultural, a exemplo da relação descrita, abaixo:

“Comunicação em libras; Utilização complexa e acentuada da visualidade e gestualidade; Grande acuidade visual; Sensibilidade para vibração e olfato; Sinceridade; sexualidade exacerbada; Desconfiança quando o assunto é dinheiro; Utilização de mochilas para manter as mãos livres à sinalização; Concretude em suas idéias; pensamento por imagens; Pensamento dicotômico sem gradações; Humor específico; Endogamia; Atrasam-se para compromissos; Gostam muito de “bater papo”, varando madrugadas; São diretos, não usam meias palavras; Campeonatos esportivos constituem práticas sagradas para eles; São concretos e não abstratos; Precisam aprender que virgindade e homossexualidade são tabus; Possuem piadas específicas etc.” (ASSIS SILVA, 2012, p.31)

Entretanto, por mais que enumeremos esses traços específicos do modo de ser e agir do surdo, corremos o risco de deixar algo de fora dessa relação, ou incluímos modos de pensar e agir do surdo não tão exclusivos assim, a exemplo, dos surdos serem “sinceros” - de acordo com a relação acima, descrita por Assis Silva - dado que ouvintes também podem ser “sinceros”. Todavia, a união dos surdos, derivada da aglutinação de

peessoas com características comuns, em que a própria surdez é o traço mais significativo, levou alguns autores a interpretarem essas características como Cultura Surda, a exemplo de Strobel (2008, p.39), para quem *“a Cultura Surda abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo que participa das comunidades e compartilha algo em comum, valores, normas e comportamentos, que só são intercambiados por aqueles que acessam o mundo visualmente”*.

Se conceitos genéricos de cultura sofrem críticas na Antropologia, que conceitos utilizaremos neste trabalho? Para Abbagnano (2000), o essencial de qualquer conceito de cultura, usado especialmente por sociólogos e antropólogos, é aquele que indica o conjunto de modos de vida de um grupo humano determinado, sem referência ao sistema de valores para os quais estão orientados esses modos de vida. As muitas outras definições de cultura só fazem dar expressões diversas a esses pontos básicos, a exemplo das definições apresentadas por antropólogos famosos como Malinowski, Edward Tylor, Kluckhohn, Kelly, Coon etc.

Em seu livro “Aprender a ver”, Wilcox (2005, p.80) cita a definição de cultura do antropólogo Ward Goodenough como *“tudo aquilo que uma pessoa precisa saber ou acreditar de modo a operar de uma maneira aceitável em relação aos outros membros. É a forma que as coisas tomam na mente das pessoas, seus modelos para aprender, relacionar e interpretar”* (p.80). Poderíamos tomar essa definição de cultura para pensarmos na Cultura Surda, mas, mesmo assim, ainda carecemos de um conceito razoável e contemporâneo de cultura, em Antropologia, que sirva de base para as nossas análises sobre Cultura Surda.

Segundo Cunha (2009) já se derrubaram árvores demais para alimentar as intermináveis polêmicas sobre o que é cultura, em termos antropológicos e sociológicos. Assim sendo, e devido ao fato de que analisar os diversos conceitos de cultura e suas aplicações na história da Antropologia não é o objetivo deste trabalho, o melhor a se fazer é, seguindo os conselhos de Cunha (2009), adotar a definição de um autor que pareça resumir o que o consenso contemporâneo assimilou em Antropologia sobre o que é cultura, que é o caso da definição proposta por Lionel Trilling, em sua obra: “Sinceridade e Autenticidade” - e aceito por Cunha (2009, p.357) - como um *“complexo unitário de pressupostos, modos de pensamento, hábitos e estilos que interagem entre si, conectados por caminhos secretos e explícitos com os arranjos práticos de uma sociedade, e que, por não aflorarem à consciência, não encontram resistência à sua*

*influência sobre as mentes dos homens*”. Resta-nos, portanto, verificar se a idéia de Cultura Surda se encaixa neste conceito.

Segundo Gomes (2011), o termo Cultura Surda começou a circular e tomar grande importância nos discursos há aproximadamente 25 ou 30 anos e, desde essa época, funcionou como um conceito legitimado pela comunidade surda, ganhando cada vez mais status de verdade e realidade. Segundo Assis Silva (2012), foi a crença, por parte de muitos agentes, em uma descontinuidade perceptiva dada entre surdos e ouvintes, que garantiu a operacionalização e plausibilidade do discurso culturalista voltado à comunidade surda.

Como se vê, a noção de uma Cultura Surda, em seus primórdios, não foi generalizada na cultura nacional, mas limitada à “crença” de alguns agentes, o que não inviabilizou a existência da mesma, mas a deixou em suspensão, em relação a um reconhecimento oficial sobre o assunto. O fato é que *”a noção de cultura, nos últimos anos, ganhou dimensão ampla e voraz em discursos prolixos intimamente ligados à constituição do eu-surdo”* (GOMES, 2011, p.130).

Para construir uma cultura particular e estabelecer objetivos comuns - aproveitando até mesmo uma dinâmica que encerrou, nas últimas décadas o reconhecimento político de muitas minorias, embalado pelo engajamento de religiosos, ativistas, políticos e intelectuais na demanda por direitos e igualdades a todos - foi preciso, segundo Holcomb (2011), que os surdos quebrassem o seu isolamento e constituíssem espaços e territórios próprios de convivência para a produção, manifestação e divulgação de suas idéias e defesa de seus interesses.

Os surdos sempre viveram dispersos<sup>7</sup> entre os ouvintes e, dessa forma, isolados uns dos outros. O drama desse isolamento tem origem na própria família, pois nem todos os parentes sinalizam. Por consequência, os surdos, na maioria das vezes, não têm acesso aos “bate-papos” de suas famílias; são também incapazes de escutar conversas por acaso, tanto em casa quanto na vida pública, ou mesmo em rádios. Tudo isso levou os surdos, de acordo com Holcomb (2011), a buscar soluções para lidarem com as lacunas de conhecimento e compreensão de questões que lhe sejam relevantes no convívio social. Para esse propósito, o compartilhamento de informações tornou-se uma característica proeminente da Cultura Surda.

---

<sup>7</sup> A dispersão aqui citada refere-se ao fato de que os surdos nascem e são criados geralmente por famílias de ouvintes e dessa forma estão separados de outros surdos.



O compartilhamento de informações entre pessoas dá-se em um espaço comum (comunitário), assim como a cultura brasileira se processa no território nacional, ou em qualquer lugar onde brasileiros possam dividir um espaço comum. O isolamento dos surdos contribuiu para que, durante muito tempo, separados uns dos outros, eles acreditassem que a surdez fosse uma doença. Dessa forma, vencer essa idéia de que a surdez não é simplesmente uma deficiência física, foi a primeira grande batalha dos surdos. Autoras surdas como Rezende (2012, p.28), por exemplo, defendem que a *“surdez é uma invenção da medicina, dos discursos científicos, de uma história fabricada e inventada pelos saberes médicos”*. Em seu livro *“Implante coclear: normalização e resistência surda”*, por exemplo, a autora discute casos em que famílias com filhos surdos apelam, desde cedo, para o implante coclear para que seus filhos possam ser ouvintes e não surdos. Ela narra histórias onde mães se desesperam por saberem que seus filhos nasceram surdos e correram para o hospital com o objetivo de que os médicos realizassem, o mais rápido possível, o implante coclear nos seus filhos para que eles deixassem de ser surdos e passassem a ser ouvintes.

Contamos, a seguir, um excerto interessante de uma história real de uma mãe cujo filho nasceu surdo e sua luta para torná-lo um ouvinte, citada por Resende (2012, p.84):

“Uma mulher de 30 anos casou-se de véu e grinalda. Já tinha uma filha de sete anos quando decidiu, com o marido, ter o segundo filho. Foi uma gravidez de risco: Ela passou os três últimos meses da gestação de cama, em repouso forçado e absoluto por recomendação médica. Ela não podia andar de carro, pois os buracos das ruas de Manaus sobressaltavam-na e provocavam-lhe contrações. Ela foi medicada até o final da gravidez para evitar as contrações e poder segurar o bebê “no aconchego da barriga” até o momento certo do nascimento.

Assim nasceu o menino Tucumã, para a alegria da família e realização da avó materna, que desejava ter um neto (já havia quatro netas em casa). Tucumã nasceu com a cara do pai, todo orgulhoso e cheio de si. Aos 18 dias de vida, o bebê foi levado para fazer o teste da orelhinha. Foi descoberta a surdez em um ouvido. Mas, somente aos seis meses, o diagnóstico seria definitivo: surdez bilateral profunda.

Durante os primeiros seis meses do bebê, houve desconfiças e observações por parte da mãe. O bebê não se assustava com barulhos fortes e não se interessava por brinquedos sonoros ou por buzinas ensurdecadoras. Nada o incomodava. Mas a mãe não

tocava no assunto, pois pensava se tratar de sua imaginação. Porém, chegado o dia de fazer os exames necessários, a mãe teve certeza de seus temores: seu filho era surdo.

Choros, muitos choros. A tucumanzeira queria somente o abraço infinito do marido, que a consolava, acalmava-a e lhe pedia para não chorar na frente da primogênita, que ainda não sabia o que acontecera com o irmãozinho. Mas por que a surdez? Não havia casos genéticos na família, apenas um pequeno primo surdo, adotado por uma tia que morava em outro estado. O primo surdo que usa a língua de sinais, que não “fala” que era dependente. Uma vida que a mãe não queria para o seu filho Tucumã.

Os dias se passavam. A mãe chorava, pensava no que seria a vida do Tucumã e se perguntava se ele seria um dependente pelo resto da vida. Só perguntas e dúvidas rondavam a cabeça e agoniavam o coração da mãe. Mas, um dia, a tia que tinha um filho surdo telefonou, acalmando-lhe o coração e passou informação sobre como lidar com a surdez e o implante coclear, ainda que superficialmente.

A mãe, sem perder tempo, saiu freneticamente pesquisando na internet sobre o implante coclear, informações que ela nunca imaginara existir e que não seriam disponibilizadas em sua cidade. Ela ligou para todos os centros de implante coclear, à procura e uma vaga para o seu filho. Foram meses de espera até a realização da cirurgia em um dos centros de São Paulo.

O Tucumã fez a cirurgia de implante aos 14 meses de idade, mas, para chegar a esta etapa final, foram meses de agonia, impaciência e espera da mãe, muito inquieta para logo ver o filho implantado. A mãe viu algumas crianças implantadas nas clínicas especializadas em São Paulo, que falavam e agiam como crianças normais; “é assim que eu quero pra o meu filho”. Dois meses antes da cirurgia, a mãe soprou a velinha do bolo em comemoração ao primeiro aninho do Tucumã e pediu: “Que meu filho seja implantado logo!”

É assim que se constrói a trajetória de uma mãe que não se satisfaz, apenas, com a cirurgia do filho e começou uma nova história no território manauara. O Tucumã era o primeiro bebê implantado de Manaus e sua família estabeleceu uma aliança com a medicina; uma produção da família como instituição de normalização dos sujeitos surdos.”

Em relação à luta do surdo pelo compartilhamento de informações, um exemplo de espaço comum conquistado pelo povo surdo é a Escola Bilíngue Libras e Português Escrito em Taguatinga/DF. Essa escola, diferentemente das demais escolas

do Distrito Federal, que surgem normalmente a partir de uma implantação da Secretaria de Educação, surgiu de um movimento político que carrega a história de opressão educacional vivida pela comunidade surda, a partir de uma história de fracassos e conquistas, que refletem, por um lado, a imposição de gestores “não-deficientes” que se julgam plenos de poder e da sabedoria necessária para definir o que é melhor e mais adequado para ensinar aos estudantes surdos e, por outro lado, o potencial dos surdos e a sua capacidade de dizer ao mundo quais são as suas necessidades e os caminhos pelos quais aprende melhor. Afinal, não podemos nos esquecer de que o espaço educativo é o *locus* onde muitos surdos começam a abrir suas “gavetas culturais”, pois, segundo Gomes (2011) a subjetividade surda constituída nas escolas constitui-se, no plano conceitual, parte importante no imperativo da Cultura Surda.

São nesses territórios conquistados pelos surdos, a exemplo da Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga, que eles aprendem, em primeira mão, que, para se ter uma cultura exclusiva não basta apenas nascer surdo, ou tornar-se surdo, mas é resultado de uma operação de se incluir ou se excluir como tal. Um surdo que não tem contato com outros surdos, vivendo isolado entre os ouvintes, certamente não participará de uma “Cultura Surda”.

A tecnologia atual, sem dúvida alguma, veio contribuir, de forma avassaladora e contundente, na criação de outros espaços – territórios - onde os surdos podem ser conectados uns aos outros. Assim é que *e-mails, facebook, twiter e whatsApp* vieram suprir a dificuldade que os surdos sempre tiveram em delimitar territórios para sua convivência, interação, troca de informações, idéias e objetivos comuns. Segundo Perlin (2011), a internet, no caso dos surdos, toma agora um lugar de encontros virtuais, trocas de informações; além de ser um lugar de produção de conhecimentos, culturas, identidades e resistência.

O ambiente virtual do *youtube*, nesse contexto midiático, no entendimento de Pinheiro (2011), também é uma rede social onde se estabelecem relações produtivas de e para os surdos. Podemos, por exemplo, encontrar produções culturais surdas nos vídeos de livre acesso postados no *youtube*, onde são produzidas textos em Libras impregnados de conteúdos políticos e educacionais produzidos e divulgados. A tecnologia permitiu que os surdos, e também ouvintes, passassem a ser consumidores e produtores da Cultura Surda.

Certamente que na atualidade, para Maffesoli (2006), muitas pessoas são movidas a participarem de agregações muitas vezes tênues, efêmeras e de contornos

indefinidos, dado à perda de força do indivíduo dominado por uma massificação crescente. Porém, não é verdade que a união dos surdos é algo passageiro, como uma espécie de modismo; a união do povo surdo tem uma longa história.

Foi etnografando o evento comemorativo dos “13 anos da Lei de Libras”<sup>8</sup>, na Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga<sup>9</sup>, que descobrimos a história do povo surdo. Fiquei eletrizado com a descoberta. Meus sentimentos foram iguais aos de um arqueólogo a descobrir na pedra (o muro do colégio) evidências de uma cultura ainda não totalmente conhecida (Figura 2).



Figura 2

A importância para um povo de uma história própria está na capacidade de fornecer sentido e organização aos acontecimentos fragmentários, de nos situar no tempo e nos mover em direção ao devir. Mitos e histórias medeiam a relação entre o indivíduo e o grupo a que pertence. Afinal, de acordo com Costa (2010), a importância do passado não está apenas no mero conhecimento dos acontecimentos, mas na influência deles no presente.

<sup>8</sup> Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispôs sobre a Língua de Sinais – Libras.

<sup>9</sup> Esse evento comemorativo dos 13 anos da Lei de Libras” contou, em sua programação, com palestras, jogos, brincadeiras, lanche comunitário e terminou com uma passeata de estudantes surdos na Avenida Hélio Prates, em Taguatinga.





Figura 3

Narramos, a seguir, de acordo com as informações prestadas por Faria-Nascimento (membro da Comissão em Defesa da Escola Bilíngue do DF), em 04 de novembro de 2015, o que as pinturas dos muros da Escola Bilíngue de Taguatinga (Figura 3, acima) dizem sobre a história do povo surdo, o seu “mito de criação”, que, de acordo com a moderna teoria sociológica *“cumpre uma função “sui generis”, intimamente ligada à natureza da tradição, à continuidade da cultura, à relação entre maturidade e juventude e à atitude humana em relação ao passado”* (ABBAGNANO, 2000, p.674). Numeramos as pinturas do muro para facilitar a identificação entre as mesmas e o seu conteúdo.

“A história começa com (1) Pedro Ponce de Leon (1520-1548), um monge beneditino espanhol, importante educador de surdos, que fundou uma escola de professores de surdos, cuja educação oferecida empregava a datilologia – representação manual das letras do alfabeto –, a escrita e a oralização como estratégias para o ensino.

A esse educador, segue (2) Juan Pablo Bonet (1579-1633), quem demonstrou pela primeira vez o alfabeto em língua de sinais, e em 1620, na Espanha, escreveu sobre as causas das deficiências auditivas e dos problemas da comunicação, ordenando os métodos brutais e de gritos para ensinar aos estudantes surdos.

No quadro seguinte é a vez do (3) abade francês Charles Michel de L'Épée (1750), que transformou sua casa em escola pública, pois acreditava que todos os surdos deveriam ter acesso à educação. Ele criou os “Sinais Metódicos”, uma combinação de língua de sinais com gramática sinalizada francesa. Foi ele o fundador do Instituto de Jovens Surdos-Mudos de Paris, até hoje com oferta de educação para estudantes surdos.

A cena seguinte retrata (4) Thomas Hopkins Gallaudet (1822-1815), pioneiro de renome da educação de surdos, fundador da Universidade de Hartford.

No cenário seguinte é a vez de retratar o filho, (5) Thomas Gallaudet, que roda o mundo em busca de uma educação de qualidade para os estudantes surdos. Encontrou apoio na França, no Instituto criado por L'Épée e cria a Universidade de Gallaudet, nos Estados Unidos, até hoje referência mundial na educação de surdos.

Chega à cena um marco histórico que provoca o início de uma era escura na história da educação dos surdos no mundo. Esse período foi marcado por (6) cem anos de opressão, após (7) uma votação durante o Congresso Internacional de Educadores de Surdos em Milão, na Itália. O resultado dessa votação levou a língua de sinais a ser proibida, o que provocou trágicas mudanças na educação de surdos e consequentemente em suas vidas, cuja principal foi a imposição da (8) oralização dos estudantes surdos, sem o emprego das línguas de sinais. Participa dessa parte negra da história, nosso conhecido (9) Graham Bell, que era educador de crianças surdas e cuja mãe era também surdo. O advento dos aparelhos auditivos, introduzido com as descobertas deste senhor, marcam esse longo período negro da história, o qual levou a perdas significativas de muito do que os surdos já haviam conquistado. Essa nova era foi marcada pelo princípio da oralização com professores que faltavam puxar a língua de seus pupilos para forçá-los a emitir os sons que não ouviam, levou os surdos a sentirem suas (10) mãos acorrentadas.

Entra em cena nosso Brasil, quando (11) Dom Pedro II bebe da mesma fonte de Gallaudet e funda, no Rio de Janeiro, a primeira escola de surdos no Brasil, o centenário Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, fundado em 1857, até hoje grande referência na educação dos surdos brasileiros. Ernest Huet (12) foi o ganho de Dom Pedro em Paris. Trazendo-o ao Brasil, ele auxilia na criação do INES e na divulgação da sua língua de sinais de origem que passa a mesclar com a língua emergente dos surdos brasileiros.

Nos Estados Unidos, (13) o professor William Stokoe (1960-2002), publicava os estudos que permitiram elevar aquela linguagem dos surdos ao estatuto de língua de sinais, com fonologia, morfologia e sintaxe. Começa nesse período a virada linguística dos estudos na área da educação de surdos. Tardiamente, a notícia dos estudos de Stokoe chegou ao Brasil, onde perdurou por muito tempo o Método Oral, reforçando o fracasso escolar de muitos. (14) A Comunicação Total, um método eclético, de aceitação de gestos, língua de sinais, língua portuguesa oral entre outros recursos visuais, surge no Brasil por volta de 1980. A principal preocupação desse método residia nos processos comunicativos entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes, considerando que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais não poderiam ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da língua oral. A proposta que segue a essa é a da (15) Educação Bilíngue, em que a Língua de Sinais é a primeira língua, empregada isoladamente, sem sobreposição com a Língua Portuguesa. E a comunidade surda brasileira passa a conhecer a história dos seus pares e arregaçar as mangas para lutar por seus direitos. Em 22 de abril de 2002, sanciona-se a (16) Lei Nº 10.436, que reconhece a Libras como meio de comunicação e é regulamentada pelo Decreto 5.626/2005. A partir desses marcos legais, a história dos surdos brasileiros começa a tomar novos rumos e ganhar força na prática.

Surge (17) o Curso de Licenciatura em Letras-Libras, criado na Universidade Federal de Santa Catarina e implantado em nove pólos distribuídos no Brasil, com a introdução de aulas presenciais por meio de videoconferências. Esse curso forma, (18) já na primeira turma, aproximadamente 500 professores, a maioria deles surdos, aptos a ministrar a Disciplina de Libras em todo território nacional.

A Comunidade Surda Brasileira, formada, grande parte pelos professores surdos formados no Curso de Letras-Libras mencionado, deflagrou em 2011 (19) o Movimento em Favor da educação e da Cultura Surda, na luta pela criação de escolas bilíngues em todo o Brasil, por meio do encaminhamento de suas demandas (20) ao

Congresso Nacional, Câmara dos Deputados e ao Senado Federal. E Brasília entra nesse cenário histórico, com manifestações da comunidade em prol da criação da Escola Pública Integral Bilíngue Libras e Português Escrito do Distrito Federal, conquistando, na Câmara Legislativa do Distrito Federal, (21) a Lei 5.016/2013, que apresenta as diretrizes e princípios para a criação da referida escola.

O mercado de trabalho se abre aos (22) professores surdos, nas escolas bilíngues, representadas pela (23) árvore da educação bilíngue, cuja base e tronco manifesta-se pela instrução e comunicação na Escola Bilíngue, por meio da Libras, primeira língua das pessoas surdas e os galhos se abrem ao acesso à Língua Portuguesa, segunda língua das pessoas surdas que se comunicam por meio da Libras. Essa representação permite aos surdos, sob a sombra dessa árvore, desenvolver-se.

Com a criação da Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga, (24) um novo emblema, (25) um novo jeito de ensinar, com novas metodologias abrem espaço para os estudantes surdos tornarem-se partícipes efetivos da sociedade, (26) tornando-se cidadãos plenos, cientes da bandeira que erguem pelo seu país. E suas (27) famílias, por sua vez, sentem-se seguras de que uma educação de qualidade está sendo oferecida aos seus filhos, diferentes, mas eficientes na sociedade, uma vez que passam a ter a oportunidade de estudar num espaço que lhes é acessível e que lhes oportuniza exercer plenamente o papel de estudante. Os estudantes (28) surdos amam essa escola, pois nela o sentimento de pertencimento é nutrido por meio do acesso que têm a tudo que os estudantes ouvintes têm em suas escolas onde a língua lusitana é a principal via de comunicação”.

Foi também no evento comemorativo dos 13 anos da Lei de Libras, que presenciamos uma professora surda sinalizar para todos os estudantes do colégio que há pessoas em algumas instituições, a exemplo do Ministério da Educação, que não acreditam na Cultura Surda, que não querem que os surdos tenham sua própria identidade. Ela citou o nome de duas pessoas e colocou uma foto das mesmas para que as crianças pudessem vê-las (Figura 4).





Figura 4

Esse discurso da professora foi fascinante; afinal, geralmente a união de um povo ou de uma comunidade, para solidificar-se plenamente carrega a necessidade, além de uma história de origem, de uma causa comum para lutar. Contudo, se essa causa ainda permite a existência de inimigos e heróis, muito maior será a disposição para a união. O discurso da professora surda passava a informação de que há uma luta em andamento, de que a guerra não está vencida e, portanto, é preciso que todos os surdos se unam em defesa do reconhecimento dos seus direitos, enfrentando com coragem e determinação os seus antagonistas. As crianças surdas olhavam interessadas para a foto de seus opositores. Talvez passasse pela cabeça delas: “Como alguém poderia ir contra causas tão nobres e justas?” Assim é que esse tipo de mensagem torna-se fundamental na construção de um sentimento de pertencimento a uma cultura.

Nesse mesmo evento, em uma das palestras para o Ensino Médio foi convidado o diretor da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS, para que ele explicasse aos alunos a importância da Federação na luta pela causa surda frente à sociedade nacional (Figura 5), para que os jovens entendessem que, apesar das dificuldades e das pessoas contrárias às causas dos surdos, há também “heróis” e instituições que lutam pela causa dos surdos.

Foi a partir da análise da história do povo surdo, do conhecimento de seus heróis e inimigos que percebemos, pela primeira vez, a Cultura Surda como “marcador identitário” e “artefato fundamental de lutas”, a exemplo a definição de Gomes (2011, p.130), que caracterizou a Cultura Surda, entre outras especificidades como “*marcador identitário, essência, característica inata do sujeito surdo, propriedade privada ou concedida ou no âmbito educacional, como “artefato fundamental de lutas”*”.



Figura 5

Até aquele momento ainda não tínhamos pensado Cultura Surda como “categoria política”, “linguagem na demanda de direitos”, “instrumento identitário”, a exemplo também da definição de Cavaleiro (2014, p.670), que situa a Cultura Surda como “*categoria nativa e política, acionada como instrumento identitário e linguagem na demanda de direitos*”. Passamos, dessa forma, a entender que os surdos estavam criando uma “identidade”, não apenas como declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído como surdo, assim como conceitua (SILVA, 2000), mas, construindo uma identidade surda com características que nos remetem àquilo que Barth (1998) entendia por identidade; ou seja, como jogos de interesses em que entram em disputa códigos e diferenças culturais significantes para a comunidade.

Foi conhecendo a história dos surdos, a luta dos mesmos por um reconhecimento social e político que percebemos a importância da construção de uma identidade surda para o alcance dos seus objetivos frente à hegemonia dos ouvintes. Cardoso (1976), já nos alertava que em todos os âmbitos a identidade é orientada a desenvolver as relações sociais como um sistema de oposições ou contrastes, o que explica muito bem a necessidade de os surdos se diferenciarem dos ouvintes por meio da construção de uma “identidade surda”.

Ora, essa conceituação de Cultura Surda, acima apresentada, como categoria política, linguagem na demanda de direitos, instrumento/marcador identitário e artefato fundamental de lutas, levou-nos a refletir sobre dois conceitos de cultura: o primeiro, empregado pela literatura oficial (exportado das ex-metrópoles), a exemplo dos conceitos de Lionel Trilling e Ward Goordenough, apresentados no início desse capítulo, e que Cunha (2009, p.316) vai definir como categoria analítica da

Antropologia e o outro empregado por grupos específicos dentro da sociedade nacional como instrumento de luta e reivindicação, o qual essa autora irá definir como “o uso local que se faz dessa categoria de cultura, utilizada pelos povos da “periferia””. Dessa forma, segundo Cunha (2009), é possível realmente distinguir uma “cultura” com aspas, diferenciada de uma cultura sem aspas, sendo que, enquanto a cultura sem aspas é a cultura em si, algo que os povos já teriam e conservariam em seu modo de vida, de acordo com a Antropologia oficial; a “cultura” com aspas é, segundo a mesma autora, a cultura para si, uma cultura utilizada como argumento político e instrumento de debates<sup>10</sup>. Essa autora, também, tem interesse em saber “*como é possível operar simultaneamente sob a égide da “cultura” e da cultura*” (2009, p.356), que no caso dos surdos seria o pertencimento a cultura nacional e a Cultura Surda. Assim diz Cunha:

“A situação pós-colonial não caracteriza apenas as ex-colônias. É também um traço importante das ex-metrópoles, quando mais não foram porque estas, agora, tentam conter a onda de imigração de seus antigos súditos. As categorias analíticas – e evito aqui de propósito o altissonante “conceito” – fabricadas no centro e exportadas para o resto do mundo também retornam hoje para assombrar aqueles que as produziram: assim como os *cantes flamencos*, são coisas que vão e voltam, diferenciadas e devolvidas ao remetente. Categorias de *ida y vuelta*.

Uma dessas categorias é “cultura”. Noções como “raça”, e mais tarde “cultura”, a par de outras como “trabalho”, “dinheiro” e “higiene”, são todas elas bens (ou males) exportados. Os povos da periferia foram levados a adotá-las, do mesmo modo que foram levados a comprar mercadorias manufaturadas. Algumas foram difundidas pelos missionários do século XIX, como bem mostraram Jean e John Comaroff, mas num período mais recente foram os antropólogos os principais provedores da idéia de “cultura”, levando-a na bagagem e garantindo sua viagem de ida. Desde então, a “cultura” passou a ser adotada e renovada na periferia. E tornou-se argumento central – como observou pela primeira vez Terry Turner – não só nas reivindicações de terras como em todas as demais.” (Cunha, 2009, p. 312)

Portanto, pelo histórico do surgimento e elaboração da idéia de Cultura Surda, aqui apresentada, é razoável que a mesma possa ser enquadrada mais como uma “cultura” com aspas do que nos conceitos de cultura, sem aspas; ou seja, mais como categoria vernácula (argumento central de reivindicações) do que analítica. Nesse

---

<sup>10</sup> Cunha (2009) relata que “os próprios povos indígenas amazônicos, agora usam a torto e a direito o termo “cultura” (p.368), que se tornara para eles um importante recurso político.

sentido, as melhores definições são as de Gomes (2011) e Cavalheiros (2014), citadas acima. Não que isso diminua a importância da Cultura Surda, afinal existem outras maneiras de estudar a cultura, outros recortes, outras ênfases, pois a diversidade da vida social pode sugerir uma multiplicidade de manifestações da cultura. (SANTOS, 2012),

No evento “07º Via Sacra dos Surdos”<sup>11</sup>, por exemplo, realizado no dia 11 de abril de 2015, às 16 horas, no Ginásio Poliesportivo do CAVE, no Guará/DF, logo na entrada do Ginásio Poliesportivo do CAVE, havia uma lista de assinatura, um “abaixo assinado dos surdos” (Figura 6), para que os presentes ao evento assinassem e, com isso, prestassem o seu apoio a uma reivindicação dos surdos junto ao Departamento de Trânsito do Distrito Federal - DETRAN/DF, para que esse órgão do governo atendesse aos apelos dos surdos quanto à igualdade de condições com os ouvintes, provendo, assim, em suas ações, a presença de intérpretes de Libras e, também, provas e apostilas adaptadas em Libras. Esse abaixo assinado, logo na entrada do lugar onde ocorrerá um evento surdo, por si só já é uma prova inicial de que o mesmo será também utilizado como argumento central de reivindicações.

Nº	NOME	CPF	ASSINATURA
	Marcelo R. Silva	53.711.216-15	[Signature]
	Julia Araújo de Oliveira	072.592.531-92	[Signature]
	Camilla Almeida de Franco	71.21.853.01-15	[Signature]
	Thiago Gomes Martins	005.423.025-25	[Signature]
	André Ribeiro de Almeida	416.935.011-53	[Signature]

Figura 6

Aliás, desde cedo as crianças surdas aprendem que precisam reivindicar, lutar pelos direitos dos surdos. No evento comemorativo dos 13 anos da Lei de Libras, logo após as oficinas, quase 11 horas da manhã, os alunos surdos receberam bonés para se protegerem do sol, porque ia começar a última e mais esperada parte daquele evento comemorativo: as crianças desfilariam pelas ruas da Taguatinga, apitando e portando faixas onde estavam escritas frases de incentivo à comunidade surda, com declaração de suas conquistas e reivindicações.

<sup>11</sup> Encenação da morte e ressurreição de Cristo, produzido e encenado por atores surdos.



Foi realmente um acontecimento elucidativo da “construção” de uma cultura de reivindicações e luta pelos direitos dos surdos. Primeiro, as professoras reuniram os alunos na porta de entrada do colégio e distribuíram faixas entre eles, enquanto aguardavam a chegada dos policiais que iam fazer a segurança do evento (Figura 7), e com a chegada dos policiais, os alunos saíram animadamente para as ruas (Figura 8).



Figura 7



Figura 8

Os alunos foram para as ruas se manifestar, aprendendo a construir e a defender os interesses dos surdos. Esse ato foi importante na vida de cada um. Ele é a afirmação pragmática de que ser surdo já não é sinônimo de incapacidade física e nem motivo de tristeza; ser surdo é participar de uma comunidade de pessoas especiais, com uma história de heróis e inimigos, uma identidade própria, uma língua específica e causas para lutar.

Os jovens surdos se divertiram com o desfile (Figuras 09 e 10). São ainda muito novos para entender todas as implicações políticas daquele ato. Todavia, foi lançada a semente da consciência surda, de que é preciso lutar por ideais e espaços na

sociedade e que uma das formas disso acontecer é por meio da união e da luta, indo às ruas manifestando a vontade do “povo surdo”.



Figura 9



Figura 10

Nesse desfile, crianças surdas são ensinadas a se fazerem presentes na sociedade, a incorporarem uma identidade surda, caminho ideal para a construção de uma Cultura Surda utilizada como argumento político e instrumento de debates, por meio da construção e manifestação dos “saberes surdos”.

Mas, o que são saberes surdos? Respondo essa questão no capítulo 2, a partir da etnografia.

## CAPÍTULO II

### 2. Os saberes surdos

Gomes (2011, p.123-124) faz referências aos saberes surdos como “*saberes nativos, sem tutela, os saberes locais, singulares advindos e produzidos pelos surdos que vão constituindo uma gama de significados sobre Cultura Surda*”. Entretanto, saberes surdos não são semelhantes a saberes científicos, se entendemos o saber científico como verdade absoluta<sup>12</sup>, universal, e passível de demonstração matemática, lógica ou de reprodução em laboratório, apesar de ambos serem formas de entender e agir sobre o mundo. Os saberes surdos, assim como os saberes tradicionais estudados em Antropologia, a exemplo daqueles comentados na obra “O pensamento Selvagem”, de Lévi-Strauss (1976), é um tipo de conhecimento tácito, sensorial, que opera em unidades perceptuais. Representam a forma como os surdos percebem o mundo qualitativamente, a exemplo da performance visual e gestual dos surdos e sua percepção do tempo como acessibilidade, os quais podemos classificar como verdadeiros marcadores identitários e instrumentos na luta dos surdos por melhores condições sociais, que analisaremos neste capítulo.

Nas quatro etnografias levantadas para a realização deste trabalho foi possível constatar a existência, em plena produção e manifestação de alguns desses saberes locais e singulares produzidos pelos surdos: língua, a performance visual e gestual e a percepção do tempo relacionado à acessibilidade. Isso não significa que não há outros saberes relevantes, apenas destacamos esses citados acima, pois foram os que mais se destacaram nas etnografias levantadas.

#### 2.1. Língua

Sem dúvida alguma a linguagem tem um papel central na formação de uma cultura, costuma-se mesmo dizer, de acordo com Assis Silva (2012), que a língua e

---

<sup>12</sup> Verdade absoluta aqui considerada como conhecimento dentro do mesmo paradigma.

cultura são categorias que se implicam e estabelecem equivalências<sup>13</sup> e, segundo Gomes (2011), inventa, produz e significa a materialidade da uma cultura. A propósito dessa afirmação, não nos sentimos confortáveis, neste trabalho, com o termo “inventa”, da definição de Gomes, pois essa palavra deixa transparecer que a Cultura Surda é um produto fantasioso, ou coisa desse gênero, derivado do esforço de um ou mais indivíduos. Preferimos dizer que ela é construída, produzida ou materializada, por entender que tais termos passam melhor a idéia de um trabalho em conjunto na formação de algo relevante. Não há como negar que o ouvinte, ao aprender Libras, compreenderá um pouco do universo perceptivo dos surdos, pois o mesmo se surpreenderá com o significado de alguns sinais, na relação sujeito e objeto, antes nunca pensada.

Não é estranho que a Libras seja o “carro chefe” da Cultura Surda, dado que, segundo Skliar (1998), ela é o elemento mediador entre os surdos e o meio social em que vivem, e é por meio dela que os surdos podem demonstrar sua capacidade de interpretação do mundo desenvolvendo estruturas mentais em níveis mais elaborados. Assim, a existência da Libras é uma razão muito forte para o agrupamento dos surdos, contribuindo para o senso de pertencimento a uma comunidade específica, o que lhes garante, logo de início, autonomia e identidade própria. A Libras, nesse sentido, é a base da cultura e da vida social dos surdos.

Nas palavras do Messias Ramos Costa, surdo brasileiro, professor e doutorando na UnB, *“a língua de sinais é a primeira língua e sustenta o meu aprendizado da segunda língua, a língua portuguesa. Mais qualidade na educação bilíngue oferecida aos surdos é o verdadeiro desafio, um sonho que precisa se tornar realidade.”* (folder do evento comemorativos dos 13 anos da Lei de Libras, ocorrido dia 24 de abril de 2015, com a programação, frases, trechos da Lei de Libras etc. Figura 11)

No evento de comemoração dos “13 anos da Lei de Libras, depois do Hino Nacional, a professora surda explicou aos alunos a importância de se comemorar os treze anos da aprovação da Lei de Libras, sendo uma festa muito especial. Em seu discurso a professora surda disse que a língua de sinais tem uma estrutura própria e é capaz de navegar com precisão, de forma abrangente e clara, desde o pensamento concreto, representado pelo campo científico até o pensamento mais abstrato, representado pela poesia.

---

<sup>13</sup> Essa afirmação de Assis Silva quanto à língua e cultura serem equivalente não é plenamente aceita na antropologia.



"A língua de sinais é a minha primeira língua e sustenta o meu aprendizado da minha segunda língua, a língua portuguesa. Mais qualidade na educação bilíngue oferecida aos surdos é o verdadeiro desafio; um sonho que precisa tornar-se realidade."

Messias Ramos Costa  
(surdo brasileiro, professor e doutorando na UnB)



Lei nº 10.436/2002

A Libras "é o elemento mediador entre o surdo e o meio social em que ele vive. É por intermédio dela que os surdos podem demonstrar sua capacidade de interpretação do mundo desenvolvendo estruturas mentais em níveis mais elaborados."  
(Skliar (1997))

Escola Bilíngue Libras e  
Português Escrito de  
Taguatinga -  
Distrito Federal.



QNH 01/03 - AE 02  
Taguatinga Norte/ DF  
Fones: 3901 6741 e 39012976  
[escbilingue\\_dretag@se.gov.br](mailto:escbilingue_dretag@se.gov.br)  
[ecbilinguetag@gmail.com](mailto:ecbilinguetag@gmail.com)

Comemoração dos  
13 anos da Lei de Libras



ESCOLA BILÍNGUE LIBRAS  
E PORTUGUÊS ESCRITO DE  
TAGUATINGA



Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos  
Jurídicos

LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA. Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181ª da Independência e 114ª da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO  
Paulo Renato Souza



#### PROGRAMAÇÃO

8:00h - Abertura  
8h30 - Palestra sobre a Lei de Libras  
9h20 - Apresentações teatrais (alunos)  
9h50 - Workshops (palestras) - aberto à todos os presentes  
10h50 - Concentração no pátio  
11h - Passeata comemorativa  
12h20 - Encerramento



A lei 10.436/2002 foi regulamentada pelo Decreto 5.626/2005.

A sanção da Lei de Libras foi uma conquista do movimento surdo organizado em todo o Brasil, e abriu portas para outras conquistas, principalmente no campo da educação e da difusão dessa língua.

Mas, na prática, a sociedade ainda precisa desconstruir preconceitos e respeitar as diferenças. Se a legislação atual estivesse sendo cumprida, os surdos já teriam mais o que comemorar.

Muito já foi conseguido pela união e pela força desse segmento que se organiza junto aos familiares, profissionais da área e luta até ver seus direitos de cidadão respeitados.

Nesse dia especial, PARABÊNS aos surdos por suas conquistas. A luta continua!



Figura 11

O discurso entusiasmado da professora surda (Figura 12) expressava o sentimento de que os surdos não podem ser visto a partir de um déficit biológico, mas, sim, a partir da sua identidade e cultura e, além disso, o sentimento de que a educação bilíngue oferecida pela Escola Bilíngue de Taguatinga reconhece a língua de sinais como a língua dos surdos, possibilitando a eles o desenvolvimento normal de suas

habilidades cognitivas, assim como ocorre com os ouvintes, quando da utilização de sua língua materna, o português, na sua modalidade oral.



Figura 12

Ora, se for possível apontar uma característica comum em todas as culturas conhecidas, certamente o orgulho de seus membros quanto às suas mais honrosas conquistas estará em primeiro lugar. Um dos motivos de orgulho dos surdos, sem dúvida alguma, é a sua própria língua, que ele está sempre enaltecendo, a exemplo de um cartaz fixado na parede da escola (Figura 13).



Figura 13

Depois do discurso da professora surda houve a apresentação de um pequeno teatro em que um jovem surdo, estudante do Ensino Médio, e com talento para contar histórias em Libras (evento apreciadíssimo entre os surdos) fez a sua apresentação. Ele

contou uma história, narrada a seguir, a partir de uma história tirada da literatura surda (COUTO, 2010), transcrita abaixo (Figura 14).

“Um homem conheceu uma mulher muito bonita e educada, mas, ao perceber, em uma primeira tentativa de conquista, que ela era surda e que, portanto, isso era um fator impeditivo para um relacionamento, resolveu se afastar, o que deixou a mulher surda muito triste. O homem, entretanto, não conseguiu esquecer aquela mulher. Ele estava apaixonado e, por isso, resolveu aprender libras. Depois de um tempo, quando já sabia comunicar-se em libras, ele a procurou novamente e, para espanto e alegria dela, começaram a conversar em língua de sinais, o que resultou em um namoro, casamento e filhos.”



Figura 14

Uma coisa interessante a se notar na história contada é que, aqui, o ouvinte é que tem de “correr atrás do “prejuízo”. Se ele quer uma aproximação com um surdo, ele é que tem de aprender Libras. Assim, o esforço de inserção em outra cultura não é mais



do surdo, e sim do ouvinte; Não é o surdo que tem de aprender a emitir sons compreensíveis para o ouvinte; pelo contrário, é o ouvinte que terá de aprender Libras para que o relacionamento entre os dois seja possível. Afinal, a Libras é acessível ao ouvinte e a Língua Portuguesa não é acessível para o surdo.

No evento “07º Via Sacra dos Surdos”, realizado no dia 11 de abril de 2015, às 16 horas, no Ginásio Poliesportivo do CAVE, no Guará/DF (Figura 15). Na encenação da Santa Ceia, Jesus Surdo e seus discípulos sentaram-se à mesa, comendo e conversando em Libras. Mesmo os ouvintes que não conhecem a língua de sinais interpretaram rapidamente os sinais quando Jesus diz “*Tomai e comei este pão, ele é meu corpo... e, Tomai e bebei este vinho, ele é meu sangue...*” o que destacou a beleza da língua de sinais em sua expressividade e clareza (Figura 16).



Figura 15



Figura 16

Já crucificado, “Jesus Surdo”, mesmo com os braços pregados na cruz, ao lado de dois ladrões, encontrou uma forma de, na hora, de sinalizar a sua fala. Solta-se da cruz, assim como também fizeram os ladrões para se comunicar durante a representação teatral (Figura 17). E esse fato paradoxal não foi problema algum para os surdos que vêm nesse tipo de cena apenas a idéia de que a Libras pode ser utilizada em qualquer tipo de situação.

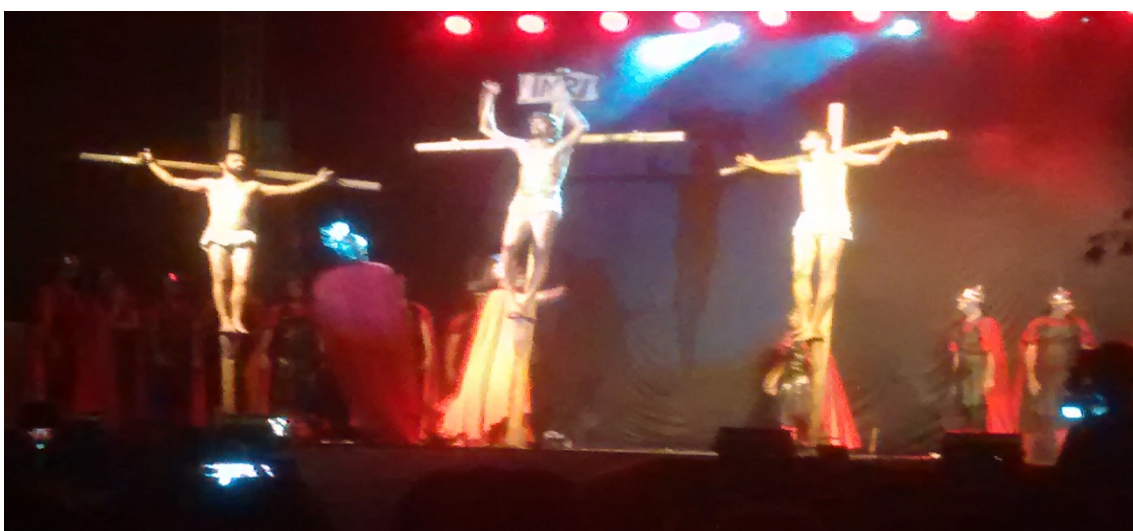


Figura 17

Apesar de língua e cultura não estarem tão conectadas como muitos autores defendem, ao ponto de estabelecerem categorias de equivalências, de fato, sabe-se que cursos de segunda língua envolvem mais do que apenas aprender uma nova língua, envolvem também conhecimento de outra cultura. Segundo Wilcox (2005), “*os professores de língua de sinais – como professores de uma segunda língua - devem*

*estar preparados para ensinar a Cultura Surda aos seus estudantes.*” (p.16). Para o povo surdo é fundamental que os seus membros saibam Libras.

Os surdos amam estar juntos, trocando informações, fazendo piadas, conversando sobre o cotidiano. Essas são ações muitas vezes citadas como componentes de identidade surda, a exemplo de Assis Silva (2012). Os surdos formam o que denominamos de comunidades linguísticas em cuja base está a utilização de uma língua comum, a língua de sinais que, por sua vez, possibilita vínculos sociais e valores culturais próprios, diferentes e, às vezes, em contradição com o que sustentam os ouvintes. (SÁNCHEZ 1990; apud FARIA, 01, s/d)

No *Miss and Mister Surdo* 2014, antes do início do evento, que demorou mais de duas horas para começar, notei que os surdos aproveitaram de maneira especial aquele momento comunicando-se animadamente entre si, dado que vivem dispersos entre os ouvintes e são poucos os que conseguem, na sociedade em geral, estabelecer um diálogo razoável com os surdos. Dessa forma, aproveitam ao máximo quando estão reunidos para se comunicar e “colocar os assuntos em dia”. Assim é que, para os surdos, o fato de estarem juntos já é um evento especial em si mesmo, sendo a motivação para esse encontro, como o concurso em questão, além da diversão específica, um bom pretexto para se reunirem e sinalizarem em Libras tudo aquilo que gostariam de sinalizar e ver sinalizado.

## **2.2. Performance visual**

De acordo com Cunha (2009), o uso pragmático da categoria cultura não é uma novidade, vários grupos (ou povos) celebram sua cultura, com sucesso, demonstrando “performaticamente” a sua identidade visando ganhos sociais e políticos. No caso dos surdos, depois da língua de sinais, é por meio do seu desempenho visual e gestual que os surdos interagem com o mundo. Certamente que o problema da deficiência auditiva tem uma parcela de contribuição para que os surdos sejam acentuadamente visuais e tenham uma performance gestual acima da média encontrada entre os ouvintes. Detalhes físicos de pessoas, objetos e de paisagens, por exemplo, não passam despercebidos para os surdos. A forma como as pessoas conhecidas são mencionadas usualmente entre eles é sinalizada, além da datilologia do nome próprio, por um traço



físico ou uma atitude peculiar dessa pessoa. O meu sinal, por exemplo, é a “covinha do meu queixo” e o sinal do meu filho, a extensão desse sinal.

Em relação à acentuada visualização dos surdos, é possível verificar que as formas escolhidas pelos mesmos para se manifestarem estão sempre, na medida do possível, inseridas no campo da visualização, razão por que um jogral, vídeos, fotos, pinturas, desenhos, cartazes, faixas, *slides* etc, são muito bem aceitas, a exemplo do que ocorreu no evento de comemoração dos 13 anos da Lei de Libras, no qual, depois do discurso da professora surda em defesa da Libras, houve a apresentação de um “jogral” elaborado pelos alunos surdos enaltecendo a Libras (Figura 18).



Figura 18

A língua de sinais traz especificidades culturais em marcas/expressões lingüísticas. Um exemplo da importância da visão para os surdos se reflete até mesmo na sua forma de expressar algo que foi dito, mas ignorado pelo outro: “*Nos (ouvintes), por exemplo, dizemos entrar em um ouvido e sair pelo outro. Eles dizem **entrar por um olho e sair pelo outro***”<sup>14</sup>.

No evento “3º Concurso *Miss and Mister* surdo de Brasília - MISS AND MISTER SURDO”, realizado em 18 de outubro de 2014, no Auditório da Administração do Guará/DF (Figura 19), para a escolha da garota surda e do garoto surdo mais bonitos de Brasília, foi possível entender, além do aspecto extremamente

---

<sup>14</sup> Comunicação pessoal da Prof. Dra Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, especialista na educação de surdos, em 12 de novembro de 2015.

visual desse evento, que o concurso de beleza para os surdos é mais do que representa para os ouvintes: para os surdos, participar de um concurso de beleza é também uma prova de que a surdez não os afeta na questão da estética; não interfere na beleza de seus corpos e na graciosidade dos seus movimentos, algo realmente importante para uma cultura extremamente visual.



Figura 19

Para o povo surdo, a surdez não é uma deformidade, é apenas um jeito diferente de ser e ver o mundo, daí a existência *Miss and Mister Surdo de Brasília*, do *Miss ou Mister Deaf Brazil*, e o *Miss or Mister Deaf World*. Todos nós, ouvintes, presentes naquele evento, fomos levados a crer que os surdos têm razão, dado que não



deixaram a desejar em nenhum aspecto da beleza física, o que podemos comprovar “visualizando” os vencedores do *Miss and Mister Surdo* 2014, Kamila Valéria e Welligton Leal (Figura 20).



Figura 20

O fato é que a questão da performance visual é um marcador identitário e um importante instrumento de luta, na medida em que torna o surdo extremamente observador - e geralmente as pessoas observadoras não se deixam enganar facilmente; também é outra característica das pessoas observadoras o fato de estarem sempre atentas a tudo que se passa ao seu redor -. Essas características dos bons observadores (e outras aqui não citadas) são facilmente percebidas, logo no primeiro contato com os surdos, quando sentimos que nos olham atentamente tentando desvendar, pela nossa figura, tudo aquilo que num primeiro contato não pode ser dito por palavras.

Na Via Sacra dos Surdo, exemplificando, a dramaticidade da cena, que na peça dos ouvintes é insinuada pelo tom de voz, entre os surdos fica a cargo de performances faciais e corporais que entre eles são mais explícitas que entre os ouvintes, o que para alguns autores, como Assis Silva (2012, p.31), é realmente uma característica do modo de ser surdo o que ele denomina de “a utilização complexa e acentuada da visualidade e gestualidade”.

Essas expressivas gestualidades torna-os também exímios contadores de histórias engraçadas ou dramáticas. Eles conseguem expressar em poucos gestos o que dezenas de palavras seriam necessárias para passar a mesma idéia. Assim é que, depois dos desfiles, em trajes de banho, no *Miss and Mister Surdo* 2014, o surdo Waldimar contou para o público uma história divertida, utilizando-se de mímicas e língua de sinais (Figura 21), fazendo todos, tanto surdos quanto ouvintes, darem gargalhadas.



Figura 21

A dança, também, para os surdos é algo que lhe chama atenção devido à performance visual e gestual que acompanha essa arte. Assim é que, logo no início do *Miss and Mister Surdo* subiu ao palco uma dançarina (Figura 22). Uma dançarina fez uma apresentação da dança do ventre. É certo que aqueles surdos com grau de surdez profunda não ouviam a música que tocava enquanto a moça dançava, mas os seus movimentos elegantes e sinuosos prendiam a atenção de todos. O interessante foi que, no meio de sua apresentação, a música parou de tocar e os surdos responsáveis pela

organização do evento não foram alertados para esse fato. Na falta do som, a princípio a dançarina ficou meio confusa, sem saber o que fazer, mas, em seguida, entendendo que para os surdos o importante era acompanhar os seus movimentos, continuou a dançar mesmo sem som, enquanto os surdos a aplaudiam. Um momento um tanto quanto engraçado para os ouvintes presentes.



Figura 22

Aproveitando-se de sua performance visual e gestual, o teatro é uma veículo excelente para que os surdos possam repassar o seu modo de pensar, agir ser e seus valores. Isso ficou bem evidenciada na peça de teatro “As mãos que rompem o silêncio”, realizada no dia 27 de abril de 2014, na Sala Plínio Marcos, Brasília/DF (Figura 23).

Nesse dia, ao chegarmos ao teatro Plínio Marcos não sabíamos antecipadamente nada sobre a peça “As mãos que rompem o silêncio”; Não sabíamos do que se tratava e qual a participação dos surdos na mesma. Sabíamos apenas que o tema era relativo à surdez, dado que era somente essa a divulgação.



Figura 23

Antes das dezenove horas algumas pessoas foram chegando e se aglomerando do lado de fora do teatro (Figura 24). O problema do pequeno número de espectadores, incluindo poucos membros da comunidade surda, ocorreu devido ao fato da divulgação da peça não ter sido feita com antecipação, o que acabou resultando em um público aquém do esperado, tanto de ouvintes quanto de surdos.



Figura 24

A divulgação de qualquer evento na comunidade surda de Brasília deve levar em consideração que os surdos vivem dispersos entre os ouvintes. A data do evento e seu respectivo horário de apresentação também não contribuíram para que o número de



expectadores fosse maior, pois segunda-feira, às dezenove horas, em pleno começo da semana, muitas pessoas ainda estão trabalhando, ou voltando do trabalho. Dessa forma, o público presente não chegou a lotar as cadeiras centrais do auditório (Figura 25).



Figura 25

A peça começou com a foto de uma cozinha típica de uma casa do interior de Minas Gerais ou Goiás, sendo projetada ao fundo (Figura 26), enquanto uma pessoa sinalizava a letra de uma música sertaneja que estava sendo executada. O dia amanhecia.



Figura 26

Na cena seguinte um casal, com sotaque caipira, estava conversando, enquanto sua filha, sentada na esteira, brincava com uma boneca (Figura 27). A mulher estava

preparando o almoço enquanto o homem, muito nervoso, andava de um lado para o outro, todo agitado, gesticulando muito e falando alto. Eles discutiam a situação da filha. Ela passava por dificuldades no colégio. O pai não sabia mais o que fazer. Ele acreditava que a situação não tinha jeito: sua filha estudava em uma escola regular, mas não conseguia se socializar e era motivo de “chacota” entre os outros alunos ouvintes e, ainda por cima, o seu desempenho escolar ia “de mal a pior”. O pai se ressentia da filha ser constantemente vítima de piadas dos colegas. Para ele a menina tinha um problema sério, sem solução. Ele estava muito nervoso e fazia a menina chorar toda vez que, zangado, apontava o dedo para ela, como se a culpa fosse exclusiva da garota. A mãe da jovem tentava acalmar o marido. Ela acreditava que o problema não era o único do mundo. Deveria haver uma solução. O melhor a fazer seria conversar com alguém esclarecido. Portanto, o marido deveria ir falar com a professora e saber o que realmente estava realmente acontecendo e se ela tinha alguma sugestão para resolver o problema<sup>15</sup>.



Figura 27

Na cena seguinte o pai procurou a professora da filha para conversar. Ele se apresentou todo arrumado e foi bem recebido pela professora (Figura 28). Ele contou-lhe das suas angustias e pediu a opinião da professora, que disse para o pai que sua filha sofria na escola, tendo dificuldade em socializar-se, não tendo, também, um bom desempenho no aprendizado, mas isso não decorria da surdez em si, mas porque estudava em um ambiente de ouvintes, em um modelo educacional voltado exclusivamente para ouvintes e, dessa forma, sentia-se como uma estrangeira em seu

---

<sup>15</sup> O diálogo entre o pai e a mãe era traduzido simultaneamente por um interprete de Libras

próprio país, não conseguindo entender e nem fazer entender, nem absorver os conteúdos ministrados na escola. A professora informou ao pai que em outros lugares, a exemplo de Brasília, existiam serviços e um tipo de educação exclusivamente para surdos, e que sua filha, inserida num ambiente como esse seria uma ótima aluna e teria uma vida social intensa, pois era saudável e muito inteligente.



Figura 28

O ato seguinte teve a projeção de um vídeo sobre o que se faz em Brasília, para que os surdos tenham uma vida de qualidade e uma educação diferenciada, a exemplo dos serviços prestados aos surdos, na estação 114 sul do metrô e da Escola Bilíngue de Taguatinga, lugares esses voltados para um atendimento especializado para as necessidades dos surdos.

Na cena seguinte, a garota surda já estava estudando em uma escola inclusiva para surdos e seu desempenho escolar e sua socialização são excelentes (Figura 29). Ela já não chora mais; se dá bem com os outros colegas, está aprendendo uma língua (a Libras) e, dessa forma, comunicando-se muito bem com outros surdos e se engajando na Cultura Surda.

Agora ela é motivo de orgulho do pai.



Figura 29

Esse é todo o enredo da peça. Para o ouvinte talvez não se configure como um espetáculo teatral que venha a fazer um sucesso retumbante, mas para os surdos, a peça é altamente significativa, dado que é possível visualizar e sinalizar o drama surdo em suas nuances mais expressivos, como o desespero dos pais, a infelicidade da garota surda, o discurso de esclarecimento da professora, e a informação de que os surdos não são incapazes, precisando apenas de um espaço em igualdade de condições para que possam se manifestar. Para os surdos, essa peça de teatro é mais do que uma informação, por meio da arte, do problema dos surdos, é a visualização desses problemas o que torna a questão mais compreensiva. Visualizar algo que foi dito, uma informação, ou situação, é importante no processo de cognição dos surdos, assim como passar algo, da mesma forma, é o processo preferido pelos surdos.

### **2.3. Percepção do tempo**

Para os surdos o tempo é determinado pelas necessidades especiais de cada um; ou seja, o tempo para ele é condicionado ao tempo de acessibilidade dele e do outro; ou seja, o tempo em que é necessário entender, processar e praticar a ação requerida em determinado contexto, levando-se em conta as necessidades especiais de cada um, inclusive dos surdos.

Essa percepção do tempo de acessibilidade pelos surdos tem princípio na consciência de sua luta pelo direito à acessibilidade e igualdade perante a sociedade, não podendo deixar, ele mesmo, de garanti-las aos demais com outras necessidades diferentes das suas. Portanto, uma das características da identidade surda é a sua



apurada sensibilidade perante as necessidades dos surdos e do outro, o que ensaja a necessidade de perceber o tempo de outra forma, diferente da forma padrão.

No evento “07º Via Sacra dos Surdos”, por exemplo, foi possível perceber a preocupação dos surdos em tornar seus encontros e eventos acessíveis para que outras pessoas com outros tipos de necessidades pudessem ter acesso, por completo, ao evento. Assim, logo na entrada do ginásio observamos um cartaz que dizia que o espetáculo surdo a ser apresentado tinha tradução simultânea para ouvintes e audiodescrição para cegos (Figura 30).



Figura 30

Na Figura 31, por exemplo, podemos observar uma pessoa cega acompanhando o desenrolar da Via Sacra dos Surdos, usando um aparelho com fone, ouvindo a audiodescrição do evento.



Figura 31

No início da Via Sacra os atores surdos entraram pela parte superior da arquibancada e foram descendo até a quadra onde o público estava sentado; os surdos coadjuvantes ficaram posicionados, lado a lado, no corredor e balançavam os seus ramos, encenando a primeira parte da peça que é a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, poucos dias antes de sua paixão. Assim é que a famosa aclamação do povo chamando a Jesus de “Rei dos Judeus” foi feita pela comunidade surda com uma das mãos sinalizando uma coroa em sua cabeça enquanto a outra agitava um ramo de palmeira.

O personagem Jesus foi encenado também por um surdo que foi à frente de seus discípulos ajudando um deles – um ator que além da surdez é deficiente físico, com uso de um andador para se locomover. Dessa forma, a procissão inicial foi feita sem pressa, obedecendo à dificuldade daquele ator, o que indicava que a encenação da Via Sacra obedeceria a um “tempo especial”. Um tempo de apresentação ditado, não pelas exigências do “tempo é dinheiro”, por exemplo, mas pelas necessidades especiais de cada um.

O “Jesus Surdo” e seu grupo subiram devagar o palco onde seria celebrada a Santa Ceia (Figura 32), enquanto cinco ou seis atores coadjuvantes foram colocando na mesa de madeira, montada no centro do palco, os alimentos que seriam consumidos nessa refeição. Os coadjuvantes foram entrando calmamente na cena, um a um, carregando recipientes com alimentos de verdade e, dessa forma, foram, sem pressa, compondo a mesa da Santa Ceia.



Figura 32

O desfile dos atores coadjuvantes e a arrumação da mesa foram encenados como uma parte tão importante na Via Sacra como qualquer outra; pois, para os surdos, os pequenos detalhes têm significado especial tanto quanto o todo, dado que, conforme dito antes, eles são extremamente visuais e gestuais

Na cena seguinte, Jesus lavou os pés dos seus discípulos, também em um tempo diferenciado do que fazem na peça dos ouvintes, onde esse ato poderia ser representado com Jesus lavando apenas os pés de um discípulo (o que valeria simbolicamente para todos os demais), mas “Jesus Surdo” chamou um a um dos seus discípulos e lavou os seus pés de forma paciente e cuidadosa, sem diferenciação alguma entre uma lavagem e outra, tudo feito de forma solene, e cuidadosa, inclusive na hora de enxugá-los, tendo apenas uma pequena modificação na vez do ator de Judas que se recusou a ter os pés lavados por Jesus, pelas razões históricas que conhecemos.

Algumas cenas depois, ao retirarem Jesus Surdo da cruz e o levarem para ser sepultado, e antes da última parte da Via Sacra, a 15ª estação, que é a sua ressurreição de Jesus, os surdos, surpreendentemente, interromperam a peça para fazer um agradecimento especial àqueles que ajudaram na realização da Via Sacra.

Foram mais de trinta minutos destinados à apresentação de um vídeo que foi projetado próximo ao palco, onde todos os atores da peça, um a um (e alguns deles juntos aos seus familiares) agradeceram àqueles que ajudaram na construção do evento, especialmente a uma senhora chamada Esmeralda. Dessa forma, o público presente esperou mais de trinta minutos, enquanto os surdos agradeciam à Esmeralda pela sua busca incansável de patrocínios para aquele evento. Todo esse tempo de agradecimento é passível de causar estranheza para os ouvintes presentes, mas, para os surdos, o reconhecimento por alguém que os ajudaram vai além do considerado necessário pela cultura nacional, e geralmente esses agradecimentos são em forma de homenagem. O tempo parou naquele momento onde o mais importante era realçar o papel de cada um naquele evento, mesmo aqueles que apenas apoiaram a produção. O curioso é que para os surdos aquele momento foi tão especial quanto o da encenação da Via Sacra.

Também na peça de teatro “As mãos que rompem o silêncio”, com apresentação única, no dia 27 de abril de 2014, na Sala Plínio Marcos, Brasília/DF, os agradecimentos aos colaboradores e pessoas ligadas ao movimento surdo teve um capítulo à parte, dado que o mesmo tempo de peça foi gasto para se homenagear toda a equipe do teatro, bem como as diversas autoridades ligadas ao movimento surdo, inclusive àqueles que estavam na platéia assistindo ao espetáculo (Figura 33).

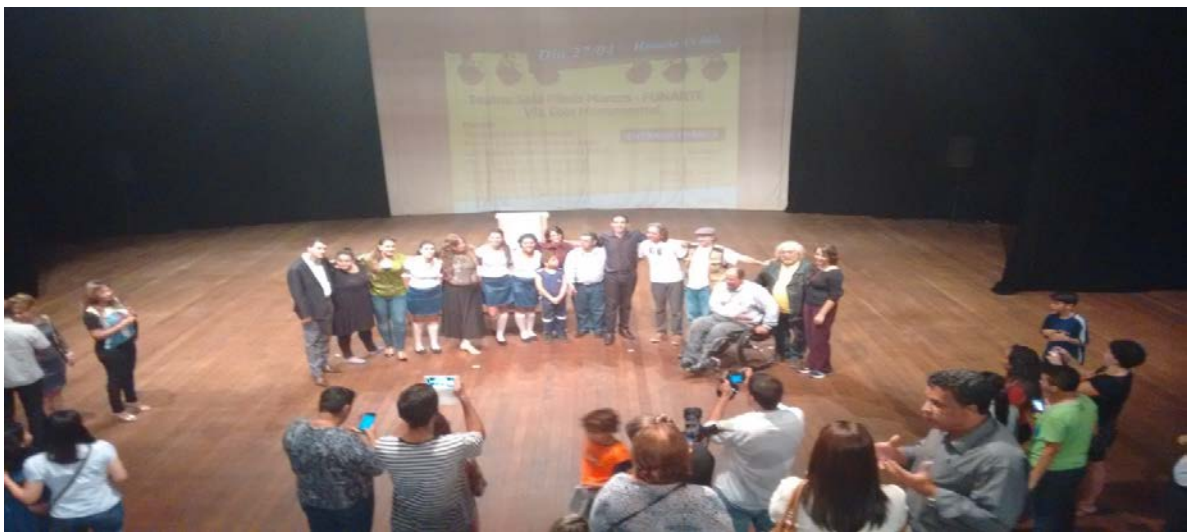


Figura 33

Dessa forma, o tempo para os surdos está voltado não somente para os acontecimentos e eventos, mas para as pessoas que os promovem, não importando quanto tempo seja necessário para que isso ocorra. Para os surdos as pessoas são tão importantes quanto os processos, razão porque a arte e o trabalho, além do seu tempo de execução, têm também um tempo dedicado às pessoas que deles participaram.

O tempo perceptivo da informação para o surdo não é dado pela emissão e audição da palavra, como entre os ouvintes, mas na inteira visualização da mensagem e seus movimentos, o que, por si só já demonstra que tempos diferenciados são requeridos entre pessoas auditivas e visuais.

Portanto, se consideramos a questão da visualidade surda e o seu próprio tempo de apreciação da informação, entenderemos que a luta por uma escola voltada apenas para a educação dos surdos se torna necessária. Pensar a educação dos surdos é pensar em Libras, na visualização da informação, na imagem e no movimento como processo educativo e, por isso mesmo, na questão do tempo requerido para a cognição desses processos.

## CONCLUSÃO

Este trabalho começou com minha curiosidade em saber o que é Cultura Surda, como ela é construída, manifestada e qual a sua finalidade. Em contato com a comunidade surda de Brasília, sempre “vi” os surdos dizerem que são diferentes dos ouvintes, não apenas pela deficiência auditiva, mas por que eles têm uma identidade, um conjunto de características especiais e exclusivas de pensar, ser e agir, que compõe o que eles chamam de Cultura Surda. Resolvemos, então, fazer uma pesquisa e etnografar alguns eventos surdos, para entender o que é Cultura Surda. Esse trabalho levou-nos a entender que os surdos sempre viveram dispersos entre os ouvintes e, dessa forma, isolados uns dos outros. Essa dispersão e isolamento contribuíram para que, durante muito tempo a surdez ou deficiência auditiva fosse considerada exclusivamente uma doença e o surdo como aquele que precisa de uma “cura” para que se torne uma pessoa “normal” igual a um ouvinte. Esse isolamento dos surdos e a concepção de que a surdez é apenas uma deficiência foi sendo modificada aos poucos, à medida que foi sendo gestada, entre intelectuais surdos e ouvintes, a crença de que a surdez não é uma doença e que existe, de fato, uma descontinuidade perceptiva entre surdos e ouvintes que garante a operacionalização e plausibilidade de um discurso culturalista. Assim, com base nessa nova concepção do ser surdo, mesmo inseridos e integrantes de uma “cultura nacional”, os surdos foram se organizando como um grupo portador de características e necessidades diferenciadas dos ouvintes, visando melhores condições sociais, políticas e econômicas em relação aos ouvintes.

A primeira luta dos surdos foi a criação de territórios vinculados à surdez, tais como: escolas bilíngues, federações, associações, eventos etc, para que eles pudessem se reunir visando atingir objetivos em comum. Na luta pelos seus direitos sociais e políticos foi necessário, de início, que os surdos criassem uma identidade surda, que não fosse apenas uma declaração sobre quem pertence ou não-pertence, sobre quem está incluído ou excluído como surdo, mas uma identidade que os permitisse criar códigos e diferenças culturais significativas com base em seus interesses, em um sistema de oposições ou contrastes com os ouvintes.

Certamente que foi nos territórios conquistados pelos surdos, a exemplo da Escola Bilingue de Taguatinga, que os surdos começaram a construir sua identidade, a abrir suas “gavetas culturais”; aprendendo, em primeira mão, que, para se ter uma



identidade surda não basta apenas nascer surdo ou tornar-se surdo, mas é resultado de uma operação de se incluir ou se excluir como tal; que o povo surdo tem uma história de luta: uma história que fornece sentido e organização aos acontecimentos fragmentários, que situa os surdos no tempo e os move em direção a um devir, na medida em que lhes fornece causas para lutar, heróis e inimigos.

Dado que conceito de cultura não é acessível a todos os surdos, dependendo do nível de escolarização dos mesmos, pois se trata de um conceito complexo e abstrato - discutível até mesmo entre os acadêmicos -, e levando em consideração a história de lutas do povo surdo por melhores condições sociais e políticas, procuramos por um conceito diferenciado dos conceitos padrões em Antropologia, exportados das ex-metrópoles e, assim, identificamos Cultura Surda dentro das definições de “cultura” com aspas, segundo Cunha (2009), nos moldes dos conceitos dos povos periféricos que o utilizam como instrumento político; ou seja, conceituamos Cultura Surda como marcador e instrumento identitário, artefato fundamental de lutas, argumento político e linguagem na demanda de direitos.

Depois do conceito de Cultura Surda e suas finalidades restou-nos tão somente saber como a Cultura Surda se processa, como se manifesta entre os surdos e como, a partir dessa descoberta, encontrar uma definição de Cultura Surda mais acessível. Foi por meio das etnografias levantadas neste trabalho que identificamos os saberes surdos, que são aqueles saberes singulares advindos e produzidos pelos surdos, a exemplo dos saberes tradicionais estudados em Antropologia, que vão constituindo uma gama de significados sobre Cultura Surda e que realmente definem as fronteiras simbólicas entre surdos e ouvintes. São os saberes surdos, em sua plena manifestação, construídos a partir do estabelecimento de uma identidade surda, que geram aquilo que chamamos de Cultura Surda.

Nas etnografias levantas, entre outubro de 2014 e julho de 2015, um concurso de beleza (Concurso *Miss and Mister* Surdo), uma peça de teatro (As mãos que rompem o silêncio), uma encenação religiosa (Via Sacra dos Surdos) e uma comemoração/manifestação estudantil (Comemoração dos 13 anos de Libras), foram possíveis identificar quatro importantes saberes: a língua de sinais; a performance visual e gestual e a percepção do tempo. Não que os surdos não tenham outros saberes possíveis de serem levantados em outros trabalhos.

A língua de sinais é o elemento mediador entre o surdo e o meio social em que ele vive, e é por meio dela que os surdos podem demonstrar sua capacidade de

interpretação do mundo desenvolvendo estruturas mentais em níveis mais elaborados. Não é um saber exclusivo dos surdos dado que ouvintes podem ser fluentes em Libras. Todavia, um surdo desconhecedor da língua de sinais estará limitado em seu potencial político-social, vivendo parcialmente inserido tanto entre ouvintes como entre surdos. A língua, para muitos autores, produz e significa a materialidade de uma cultura, e o simples fato de não dominá-la significa estar alijado dessas trocas de informações e valores que compõem uma cultura. Não há como pensar e agir de forma coletiva se não conseguimos nos comunicar com os outros.

A maioria dos surdos não adquire a língua de sinais se não estiver em contato com seus pares - assim como a fala é aprendida entre ouvintes - dado que os surdos nascem geralmente entre ouvintes que não dominam esse saber. É nas escolas exclusivas, em contato com surdos alfabetizados em língua de sinais que os surdos aprendem, de fato, a se comunicar nessa língua, tendo o português escrito como segunda língua.

Em relação ao desempenho gestual e visual dos surdos, também encontramos ouvintes altamente visuais e com uma performance gestual bem acentuada, mas, nos surdos, é uma regra geral e não uma exceção, e tem um impacto na sua forma de percepção e atuação no mundo muito maior do que nos ouvintes, dado que as formas escolhidas pelos surdos para se instruírem e se manifestarem estão sempre, na medida do possível, inseridas no campo da visualização e gestualidade. A performance visual e gestual exercida pelos surdos é um uso pragmático de culturas que demonstram performaticamente a sua identidade visando ganhos sociais e políticos (CUNHA, 2009).

A percepção do tempo que para os surdos é determinada pelas necessidades especiais de cada um; ou seja, o tempo para os surdos é condicionado ao tempo de acessibilidade, o tempo em que é necessário entender, processar e praticar a ação requerida em determinado caso. Certamente que não há diferenças de percepção cognitiva entre surdos e ouvintes, mas a atenção visual desse último requer um tempo diferenciado da atenção auditiva do ouvinte. Enquanto o som, por exemplo, tem o seu próprio tempo de emissão e recepção em um determinado ambiente, uma imagem pode ser apreciada por vários ângulos; ou seja, o surdo, por ser visual, requer um tempo perceptivo diferenciado do ouvinte que é, naturalmente e com algumas exceções, auditivo. Essa diferença tem grande impacto na vida dos surdos e requer uma reelaboração das formas como esse deve ser educado e exercer uma profissão. Uma aula expositiva, por exemplo, em que o professor ouvinte explica verbalmente aos seus



alunos, também ouvintes, uma determinada matéria, sob o aspecto da língua utilizada, da performance visual e gestual dos surdos e sua percepção de tempo, não é um ambiente adequado à educação e formação dos mesmos.

Dessa forma, a língua, a performance visual e gestual e a percepção do tempo são saberes surdos, entre outros, que, em atuação e performativamente, construídos a partir do estabelecimento histórico de uma identidade surda - identidade essa baseada em jogos de interesses que estabelecem códigos e diferenças em oposição ou contrastes aos ouvintes - formam aquilo que os surdos chamam de Cultura Surda.

Em síntese, Cultura Surda é a manifestação dos saberes surdos; um conceito simples e pragmático de Cultura Surda, diferenciado dos complexos conceitos de cultura originários das ex-metrópoles. Não é um conceito genérico de cultura, mas interpretativo, seguindo a linha proposta por Geertz (2013), na medida em que é possível levantar quais são os saberes locais, estabelecidos pelos surdos, a partir da identidade surda da Comunidade Surda em foco.

Pensar, portanto, em políticas educacionais e serviços especializados voltados ao atendimento das necessidades dos surdos é pensar em processos que envolvam a língua de sinais, a visualização da informação, imagem, movimento e tempo de acesso, ou outros saberes surdos aqui não mencionados, como princípios básicos à completa formação educacional e profissional dos surdos. Eis uma das razões da necessidade, por exemplo, da existência de escolas bilíngües “de” e “para” surdos, com ensino direto em Libras, tendo o português escrito como segunda língua.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia/Nicola Abbagnano: tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi: revisão da tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti – 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ASSIS SILVA, César Augusto de. Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

BARTH, Friedrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BONETTI, Aline. “Intrusas bem vindas: um olhar sobre os cruzamentos entre gênero, relações de poder e sensibilidade na pesquisa etnográfica.” In: GROSSI Mirian Pilar & SCHWADE, Elisete (Orgs.). Política e Cotidiana: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade. Florianópolis: Nova letra, 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo, Pioneira, 1976.

CAVALHEIRO, Andrea de Moraes. Revista de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, USP, v. 57 nº 1, 2014.

COSTA, Cristina. Sociologia: Introdução à ciência do sociedade – 4ª Edição – São Paulo: Moderna, 2010.

COUTO, Raimundo Cleber Teixeira. Casal Feliz / Cleber Couto; Ilustrações: Cleber Couto, BELÉM-PARÁ, 2010.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo. Cosac Naify, 2009.

FARIA. Sandra Patrícia de. “Cultura Surda e Cidadania”. Texto publicado originalmente em SALLES, H.M.L. *et al. Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica* vol. 1, Brasília: SEESP/MEC, 2002, sob o título “Cultura Surda e Cidadania Brasileira”. No prelo (versão revisada e ampliada).

GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas/Clifford Geertz. 1.ed. [Reimpre.]. - Rio de Janeiro: LTC, 2013.

\_\_\_\_\_. O Saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa. Clifford Geertz; tradução de Vera Joscelyne. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, – (coleção Antropologia), 2013.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais / Mirian Goldenberg – 8ª edição – Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Anie Pereira Goulart. A Invenção da Cultura Surda e seu imperativo no plano conceitual (p.121 a 135); In *Cultura Surda na contemporaneidade, negociações, intercorrências e provocações* / organizado por Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin – Canoas : Ed. ULBRA, 2011.

HOLCOMB, Thomas K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos – (p.139 a 149); In *Cultura Surda na contemporaneidade, negociações, intercorrências e provocações* / organizado por Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin – Canoas : Ed. ULBRA, 2011.

LEVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

MAFFESOLI, Michael. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever”, in:\_\_\_\_. O trabalho da Antropologia. Brasília: Paralelo 15: São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PERLIN, Gladis. Prefácio (p.09 a 12) - In: Cultura Surda na contemporaneidade, negociações, intercorrências e provocações / organizado por Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin – Canoas : Ed. ULBRA, 2011.

PINHEIRO, Daiane. Produções surdas no Youtube: consumindo a cultura (p.29 a 40); In Cultura Surda na contemporaneidade, negociações, intercorrências e provocações / organizado por Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin – Canoas : Ed. ULBRA, 2011.

REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Implante coclear: normalização e resistência surda – 1º Ed. Curitiba, PR: CRV, 2012.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. Coleção Primeiros Passos; v.110; São Paulo: Brasiliense, 2012.

SARTI, Cynthia; Duarte, Luis Fernando Dias (org.). Antropologia e Ética, desafios para a regulamentação; Brasília-DF: ABA, 2013.

SKLIAR, Carlos (org). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediações, 1998.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a Cultura Surda/ Karin Strobel. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea – 8º Edição; Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed. 1981; 2008.

WILCOX, Sherman e WILCOX, Phyllis. Aprender a ver. O ensino da língua de sinais americana como segunda língua – tradução: Tarcísio de Arantes Leite. Editora Arara Azul, 2005.